



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

**Novas perspectivas para o ensino da Revolução Cubana:
a questão de gênero e a atuação política das mulheres guerrilheiras**

Gisele Pinheiro da Cunha¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo recuperar a participação das mulheres guerrilheiras na Revolução Cubana e refletir como esta abordagem pode ser trabalhada em sala de aula tendo em vista as demandas sociais e de gênero atualmente. Para isso, serão apresentados referenciais teóricos sobre a questão de “gênero”. Em seguida será feita uma breve exposição da atuação das guerrilheiras na Revolução Cubana e uma reflexão sobre as novas possibilidades de ensino deste conteúdo, considerando as potencialidades de uma “história na perspectiva das mulheres”.

Palavras-chave: Revolução Cubana; mulheres; ensino.

**New perspectives for the teaching of the Cuban Revolution:
the issue of gender and the political performance of women guerrillas**

Abstract: This article aims to recover the participation of women guerrillas in Cuban Revolution and reflect how this approach can be worked in classroom in view of social and gender demands today. For this, some theoretic references will be presented that address the issue of "gender". Next, a brief exposure of the activities of women guerrillas in Cuban Revolution and a reflection on the new teaching possibilities of the Cuban Revolution in the present time will be made, considering the potentialities of a "history from women's perspective".

Keywords: Cuban Revolution; women; teaching.

CUNHA, G. P.

Introdução

Durante mais de sessenta anos, a trajetória da experiência revolucionária em Cuba evoca personalidades marcantes como Fidel Castro e Che Guevara, líderes responsáveis pela queda do ditador Fulgêncio Batista. O que parece ainda pouco abordado nessa “história oficial” é a atuação das mulheres na revolução, especialmente as guerrilheiras. A glorificação da imagem dos homens guerrilheiros, excluindo as mulheres da linha de frente da luta armada, criam estereótipos de que a guerra e a política são espaços masculinos e de que as mulheres não atuam no curso da história. Esses e outros sentidos comuns devem ser desconstruídos se quisermos promover um olhar mais crítico para a Revolução Cubana e outros processos históricos.

Este tema torna-se ainda mais relevante se formos pensar nas questões de gênero em voga na América Latina no tempo presente. Pode-se destacar o aumento dos casos de violência contra as mulheres nas esferas pública e privada, a vulnerabilidade social, a ascensão de políticos conservadores, os retrocessos nas políticas educacionais e a reprodução do racismo e do sexismo no ambiente escolar. São vários os obstáculos para a conquista da igualdade e cidadania plenas para as mulheres latino-americanas.

Nesse contexto, defendo a construção de uma história a partir da perspectiva das mulheres, levando em conta sua centralidade nos processos históricos e as diversas identidades e experiências vividas pelas mulheres. Esta abordagem pode contribuir para a problematização da violência de gênero e da pouca representatividade das mulheres nos espaços de poder e a construção de uma sociedade mais igualitária. E para além dos ambientes acadêmicos, esta perspectiva deve estar presente em sala de aula, no ensino de história. Cumpre notar que já é abordada em alguns livros didáticos brasileiros, mas ainda de forma isolada e meramente complementar, como um apêndice da história geral.

Portanto, a problemática deste artigo é: como podemos trabalhar a temática da Revolução Cubana em sala de aula a partir da perspectiva das mulheres guerrilheiras? A escolha das mulheres inseridas nos setores de guerrilha é devido ao espaço ainda estar muito associado à imagem de homens. Os objetivos, então, são recuperar o protagonismo dessas mulheres na Revolução Cubana e analisar as possibilidades e potencialidades da inclusão da história das mulheres e das questões de gênero no ensino de história, pensando também em propostas de trabalho.

Sendo assim, divido este artigo em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, serão apresentados alguns referenciais teóricos que abordam o desenvolvimento do campo da história das mulheres e a questão de “gênero” como categoria de análise. Em seguida, serão feitas uma breve exposição da atuação das mulheres guerrilheiras na Revolução Cubana, citando algumas como exemplo, e uma discussão sobre gênero em Cuba. Por fim, uma reflexão sobre as possibilidades de ensino da Revolução Cubana no tempo presente, considerando as potencialidades de uma “história na perspectiva das mulheres”.

A questão de gênero: referenciais teóricos

Para reivindicar a atuação das mulheres no ensino de História, é interessante abordar algumas questões teóricas em relação ao campo da história das mulheres. Recorro às contribuições das historiadoras norte-americanas Joan Scott e Louise Tilly e a historiadora social Rachel Soihet para pensar como este campo se estabeleceu e se desenvolveu na historiografia, quais suas inovações e a importância do conceito de gênero como categoria de análise. Um debate longo e complexo que não se esgota nesta seção.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

Na década de 1960, a terceira geração da Escola dos Annales modificou os paradigmas da produção do conhecimento histórico. Deu visibilidade para novos campos e temas de pesquisa conectados às demandas sociais e um dos campos que ganhou destaque foi a história das mulheres.^{II} Nessa perspectiva, Joan Scott defende que esse campo de estudos se estabeleceu acompanhando as reivindicações do movimento feminista nos Estados Unidos. Abrangia a luta por melhores condições profissionais e pela inclusão das mulheres como objeto de estudo e sujeitos da História, desafiando as premissas disciplinares já estabelecidas.^{III} Segundo Scott:

A história das mulheres, sugerindo que ela faz uma modificação da “história”, investiga o modo como o significado daquele termo geral foi estabelecido. Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E mais fundamentalmente desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história – o Homem Universal. Embora todos os historiadores das mulheres não apresentem diretamente estas questões, seu trabalho implica-as: Através de que processos as ações dos homens vieram a ser consideradas uma norma, representativa da história humana em geral, e as ações das mulheres foram subestimadas, subordinadas ou consignadas a uma arena particularizada, menos importante?^{IV}

Nesse processo, a existência do campo relativamente novo da história social proporcionou um importante veículo para a história das mulheres. Ao incluir novos grupos sociais como objeto de investigação histórica, entre eles as pessoas comuns, conferiu legitimidade ao estudo das mulheres e suas abordagens.^V Assim, a categoria “mulheres” passou a ser entendida como uma entidade social e política “separada de seu relacionamento conceitual historicamente situado com a categoria ‘homens’”.^{VI} Na mesma linha de reflexão, Rachel Soihet destaca que o desenvolvimento dos campos da história das mentalidades e da história cultural, preocupada com as identidades coletivas, ajudaram no avanço da história das mulheres:^{VII}

Apóiam-se em outras disciplinas – tais como a literatura, a linguística, a psicanálise, e, principalmente, a antropologia – com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto. Assim, a interdisciplinaridade, uma prática enfatizada nos últimos tempos pelos profissionais da história, assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres.^{VIII}

Ao longo da década de 1970, os estudos das mulheres estenderam-se para outras partes do mundo, incluindo a América Latina.^{IX} Já no final da década e nos anos 1980, o campo foi marcado por questionamentos, tornando explícitas suas controvérsias e ambiguidades. Surgiram críticas em relação à “condição suplementar da história das mulheres”, como uma mera complementação à história oficial, e à categoria fixa e homogênea de “mulheres”, relacionada à uma perspectiva essencialista e à uma noção biológica de ser mulher.^X A reescrita da história a partir do ponto de vista das mulheres passou a exigir novos conceitos e um modo de pensar a diferença.^{XI}

A política de identidade dos anos 1980, portanto, trouxe à tona que o termo mulheres deveria ser fragmentado e utilizado com outras variações de identidade. Nesse sentido, o termo “gênero” passou a ser utilizado como categoria de análise histórica. Usado primeiramente para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendido à questão das “diferenças dentro da diferença”, com ênfase nos contextos sociais e culturais e na relação com outras categorias como raça, classe e etnia.^{XII} Dessa forma, pode-se analisar como essas diferenças impactaram as experiências históricas das mulheres, produziram e legitimaram os sistemas de poder.^{XIII}

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

Louise Tilly também analisa o conceito de gênero. De acordo com ela, sua introdução levou à uma reorientação da história das mulheres e novas preocupações no seu interior.^{XIV} Enquanto uma categoria socialmente construída e que remete à cultura, questiona o termo “sexo” e seu determinismo biológico e reforça o estudo das variações, dos processos e das relações de poder.^{XV} As mulheres são algo mais do que uma categoria biológica e universal, elas “formam efetivamente um ‘grupo social distinto’, socialmente construído e não ‘natural’”.^{XVI}

Vale enfatizar que não devemos nos ater à uma oposição entre história das mulheres e história de gênero, mas reclamar uma história das mulheres baseada na perspectiva de gênero, ou seja, que parta da análise de gênero. É necessário enfatizar o uso do termo “história das mulheres”, sempre mostrando de qual perspectiva teórica se está partindo, possibilitando assim o entendimento de que este campo é mais amplo e plural que a clássica história das mulheres da década de 1970.^{XVII}

Sobre essas questões colocadas à teoria, pode-se afirmar que também são questões políticas.^{XVIII} Ao produzir um novo conhecimento, as historiadoras das mulheres fazem discursos críticos e questionam as bases conceituais e as premissas epistemológicas da história tradicional excludente. Sem dúvidas, a narrativa da história das mulheres é uma narrativa política, “a história das mulheres é um campo inevitavelmente político”.^{XIX} Nesse sentido, também é feminista, pelo menos quanto às suas origens.^{XX} Se distingue dos outros domínios da história pela sua forte ligação com um programa de transformação e de ação e com movimentos sociais e por ser escrita a partir de convicções feministas.^{XXI}

Quanto ao avanço do campo, Soihet destaca a inventividade dos historiadores em relação aos métodos, fontes e temas de pesquisa. Ressalta, por exemplo, as entrevistas, as obras literárias, os objetos pessoais e os diários íntimos em arquivos privados, para além das fontes tradicionais como jornais e documentos policiais produzidos por homens.^{XXII}

O desenvolvimento da história das mulheres, articulado às inovações no próprio terreno da historiografia, tem dado lugar à pesquisa de inúmeros temas. Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também introduzem-se novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros.^{XXIII}

Tilly considera que os(as) historiadores(as) das mulheres devem tornar sua metodologia mais analítica. A história das mulheres não deve se centrar apenas em abordagens descritivas e interpretativas, mas também em estudos analíticos, utilizando o conceito de gênero, vinculando seus problemas e resultados às questões de outros domínios da história e dialogando com outros historiadores.^{XXIV} Não basta pesquisar os fatos da vida das mulheres de forma isolada, é necessário analisá-los e vinculá-los a outros temas históricos. É dessa maneira que a história das mulheres muda nossa percepção do que é importante na história.^{XXV} Além disso:

as historiadoras das mulheres deram prova de engenhosidade em descobrir a experiência das mulheres no passado e em oferecer uma interpretação crítica. Elas fizeram um trabalho de pioneiras ao redescobrir a importância de fontes históricas como as biografias e os testemunhos pessoais. As mulheres como atores da história, suas atividades, suas diferenças de raça, de classe e de origem nacional, suas concepções de si e do mundo ao redor são, de agora em diante, fatos da história. Este processo de reabilitação teve um grande peso não somente no desenvolvimento geral dos objetos da história, mas também na formação da consciência feminista e numa maior compreensão, por parte do público, da desigualdade dos sexos.^{XXVI}

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

Logo, nesta seção buscou-se analisar o desenvolvimento e as contribuições da história das mulheres para a historiografia e afirmar que as relações entre homens e mulheres são construções históricas e culturais, marcadas por relações de poder e diferenças dentro da categoria “mulheres”. É dessa forma que devemos compreender a história das mulheres, a partir da perspectiva de gênero. Pensando especificamente no tema deste artigo, ao tentar responder que diferença faz saber a participação das mulheres nas revoluções, Tilly afirma que “a atenção dada às mulheres afina nossa compreensão da luta pelo poder no processo revolucionário”.^{XXVII}

O estudo dos vencidos nos permite compreender melhor os vencedores, compreender porque e como eles venceram. A análise da revolução é ainda mais completa e sistemática quando nós levamos a sério as alternativas possíveis: o estudo das formas de participação das mulheres e as reações que ela suscita oferece precisamente uma dessas alternativas. Eis “que diferença faz” estudar as mulheres e o gênero.^{XXVIII}

A atuação das mulheres guerrilheiras na Revolução Cubana

A Revolução Cubana é um marco significativo na formação do campo da história do tempo presente na América Latina, ainda inacabado. Enquanto um evento-chave, uma “grande ruptura histórica” para a construção de um “novo”, o movimento guerrilheiro da revolução inspirou diversos grupos sociais e lideranças latino-americanas nas últimas décadas, agiu no imaginário político do continente e ainda exerce influência no presente.^{XXIX} Nesse sentido:

O olhar para a Revolução Cubana foi uma escolha devido a permanência desse acontecimento, que marcou a história do século XX na América Latina, nas memórias do Ocidente na atualidade, bem como pela construção de uma memória que vincula a Revolução com a imagem de homens barbudos, vestindo fardas e com armas. Uma memória que projeta uma representação generificada, que reproduz uma ordem na construção dos Estados do Ocidente, cujos espaços de poder são domínios de homens.^{XXX}

Pode ser caracterizada como uma revolução popular, democrática e nacionalista de caráter independentista e anti-imperialista. Rompeu com a ditadura de Fulgêncio Batista, a ordem neocolonial e o Estado burguês, inaugurando uma nova forma de organização do poder político.^{XXXI} Ao longo desse processo, a geração jovem radical foi a vanguarda da Revolução. Encontrou sua expressão emblemática no movimento guerrilheiro, guiado pelas estratégias políticas de Fidel Castro e contando com o apoio dos camponeses e da classe trabalhadora.^{XXXII}

A guerrilha foi o elemento central da luta revolucionária, o braço armado do Movimento 26 de Julho (M26-7),^{XXXIII} que mais tarde tornou-se a via cubana para o socialismo.^{XXXIV} Sediados na região montanhosa de *Sierra Maestra*, os guerrilheiros inicialmente viviam isolados, organizavam sabotagens e ataques a unidades militares para obter armas^{XXXV} e colocaram em prática as primeiras experiências de reforma agrária. Pouco a pouco, a guerrilha foi se consolidando com a incorporação de novos combatentes para o exército rebelde, graças ao apoio da população mais pobre e da rede urbana do M26-7. A partir de agosto de 1958, iniciou-se a ofensiva final, que levou à conquista do poder em Cuba em janeiro de 1959.^{XXXVI}

Apesar de estabelecer uma ruptura com a ordem político-econômico estabelecida, a Revolução Cubana reforçou ideais sexistas ao construir uma representação do guerrilheiro marcada pela virilidade e masculinidade. As memórias, símbolos e discursos da Revolução tenderam a silenciar os sujeitos que fugissem desse padrão. A historiografia, os textos publicados pelos próprios revolucionários e os livros didáticos reproduzem essas relações de poder e os homens seguem sendo os protagonistas do movimento. Quando são lembradas, as mulheres que atuaram na luta armada

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

são retiradas do protagonismo político, vinculadas ao nome dos homens, ao ideal de maternidade ou não são nomeadas como guerrilheiras. Isso sem citar as estudantes, artistas, trabalhadoras do campo e integrantes dos movimentos urbanos que também atuaram nesse processo.^{XXXVII}

O ingresso das mulheres guerrilheiras nos quadros permanentes da luta armada ocorreu em 1958. Neste ano foi criado o pelotão feminino Mariana Grajales, grupo de mulheres guerrilheiras que atuava no M26-7, combatendo na luta armada no Oriente de Cuba.^{XXXVIII} Integravam a escolta pessoal de Castro, formada inicialmente por 13 mulheres, sendo Isabel Rielo a capitã do grupo.^{XXXIX} Como espaço de atuação das mulheres em diversas atividades, o pelotão evidencia que a vitória do exército rebelde foi “resultado de múltiplas ações que uniu homens e mulheres em torno de um projeto: a revolução”. Cumpre notar que “as marianas não foram apenas as mulheres treinadas por Fidel para combaterem, mas todas que correram o risco e entram no espaço de guerra de professoras a guerrilheiras”.^{XL} Na prática, a representação de mulheres em espaços de poder durante o processo de luta armada foi maior que na estrutura de poder do Estado Cubano na década de 1970.^{XLI}

Vale ressaltar que o nome do grupo foi dado em homenagem à guerrilheira Mariana Grajales. Foi uma mulher negra livre considerada pela literatura cubana como a “mãe da pátria” por sua participação na guerra de independência^{XLII} e no apoio de retaguarda.^{XLIII} Faz parte do panteão dos líderes da independência cubana, junto com José Martí e Antonio Maceo, “mostrando para as futuras gerações a diversidade representada pelo movimento”.^{XLIV} Mas vale apontar:

Mesmo na memória sobre a atuação das mulheres cubanas nas guerras, do século XIX, durante as lutas pela independência de Cuba do domínio espanhol, o ideal feminino destacado é o papel da mãe mambisa. Neste papel se sobressai a figura de Mariana Grajales, a mãe do Coronel Maceo, que foi constituído em um dos heróis da independência cubana. Entre as várias mulheres que combateram na guerra estão a capitã Adela Azucuy, a capitã María Hidalgo Santana e a capitã Paulina Ruiz de González [...] No entanto, o nome das combatentes - mulheres guerreiras - figuram em segundo plano na memória nacional, pois a figura central é o ideal de mãe abnegada que orienta e constrói nos seus filhos o amor pela nação e o desejo de morrer por amor e liberdade de Cuba.^{XLV}

Cabe destacar que, antes da criação do pelotão feminino, inúmeras mulheres já realizavam atividades de combatentes, mensageiras, enfermeiras, secretárias, professoras transportadoras de armas, munições, comidas e homens da cidade para a *Sierra Mestra*. Considerando que muitas dessas mulheres foram incorporadas às instituições militares na década de 1960, pode-se afirmar que Cuba é um dos primeiros países da América Latina a permitir que mulheres ingressem no Exército.^{XLVI}

Entre 1941 e 1958, existiam cerca de cem organizações de mulheres em Cuba. Na década de 1950, principalmente, muitas mulheres ingressaram em movimentos de oposição à ditadura de Fulgêncio Batista, entre eles a Frente Cívico de Mulheres do Centenário Martiano e a Mulheres Opositoristas Unidas (MOU), criadas nesse período. Esta última tinha como objetivo reunir as mulheres de diferentes grupos de oposição, como o Partido Socialista Popular, o Diretório Revolucionário, o M26-7, Mulheres Católicas e Professoras Universitárias. Mas ao longo dos anos, fica claro que “o processo de unificação das organizações femininas em Cuba é percebido como uma necessidade de homogeneização de práticas e discursos dirigidos às mulheres, sendo o Estado o legitimador desse discurso”.^{XLVII}

Durante o assalto ao quartel de Moncada^{XLVIII} em 1953, fato que marca o início do processo revolucionário, as mulheres atuaram na organização da ação e nos espaços de conflito armado, desempenhando diversas funções.^{XLIX} Entre elas estavam mulheres como Haydée Santamaría e

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

Melba Hernandez, movidas por razões políticas e não simplesmente por sentimentos de paixão constantemente atribuídos às mulheres:

Vale destacar que Haydée Santamaría e Melba Hernandez atuaram no transporte das armas, de Havana para Santiago de Cuba, bem como no planejamento e ataque ao quartel. Também foram presas, assim como os demais sobreviventes do ataque, conforme relatos de Melba, que lembra que, além delas, outras mulheres participaram da organização e planejamento do ataque.^L

Vale enfatizar a atuação política de Haydée Santamaría (1922-1980). A cubana foi uma das guerrilheiras e fundadoras do M26-7 e membro da liderança urbana do movimento. Participando ativamente da luta insurrecional entre 1952 e 1958, atuou como enfermeira no assalto ao quartel de Moncada, sendo presa em seguida, na garantia de suprimentos para a guerrilha de *Sierra Maestra* e na organização de greves urbanas.^{LI} Além disso, foi uma importante articuladora política e atuante nos círculos culturais e literários da América Latina. Após a vitória da Revolução, em janeiro de 1959, foi designada presidente da *Casa de las Américas*,^{LII} instituição cultural dedicada à promoção da literatura e da missão pan-americana da Revolução. Contudo, o instituto era crítico ao tratamento dado aos artistas e intelectuais que exerciam sua liberdade criativa e eram considerados “contra-revolucionários”.^{LIII}

Após a morte de Haydée em 1980, iniciou-se uma grande produção de textos e filmes sobre sua trajetória política, difundidos pelas mídias e pela memória oficial cubana até os dias atuais.^{LIV} A exaltação da imagem da “mulher heroína” se relaciona com a formação da “nova sociedade” cubana e ao papel fundamental das mulheres para seu estabelecimento, responsáveis por defender a pátria.^{LV} e desenvolver o patriotismo em seus filhos.^{LVI} Muitas vezes são caracterizadas como possuidoras de características relacionadas à masculinidade, como a militarização e capacidade de combaterem como soldados, e aquelas que qualificam a feminilidade, como as paixões, a maternidade e o amor à pátria.^{LVII}

Outra importante integrante do M26-7 foi Célia Sanchez (1920-1980). Em 1956, foi responsável pela organização da chegada do *Granma*,^{LVIII} barco que trazia os revolucionários exilados no México. Após o desembarque, desempenhou na clandestinidade a função de apoio aos revolucionários, fornecendo armas, munições e alimentos para *Sierra Maestra* e organizando as finanças do grupo, de mensageira e espiã das estratégias inimigas, usando o codinome Norma. A partir de 1957, foi a primeira mulher a se juntar aos revolucionários na *Sierra Maestra*. Tornou-se líder de esquadrões de combate, atuando na região oriental da ilha, e esteve à frente de várias emboscadas e ataques às bases do exército de Batista.^{LIX}

Em 1958, Sánchez propôs a criação de um pelotão para incorporar mulheres ao exército guerrilheiro, resultando na formação do pelotão Mariana Grajales. Além disso, trabalhou diretamente com Fidel Castro na organização e guarda dos documentos da Revolução.^{LX} Ao longo das décadas de 1960 e 1970, assumiu diversas funções no Estado como membro do Comitê Central do Partido Socialista, Secretária do Conselho de Estado, Deputada da Assembleia Nacional do Poder Popular, Conselho Nacional da Federação de Mulheres Cubanas (FMC).^{LXI}

Vilma Espín (1930-2007) também teve papel de destaque no processo revolucionário. Além de combater na luta armada, após a vitória da Revolução fez parte da Comissão Nacional de Prevenção e Atenção Social e da Comissão da Infância, da Juventude e da Igualdade de Direitos da Mulher e atuou na Assembleia Nacional do Poder Popular. Foi uma das únicas mulheres que integrou o Comitê Central do Partido Comunista Cubano e presidiu a Federação das Mulheres Cubanas (FMC).^{LXII}

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

Fundada em agosto de 1960, a FMC foi uma organização de massa que tinha como objetivo unificar e direcionar as atuações das organizações femininas, engajando-as nas ações revolucionárias.^{LXIII} Trabalhava na defesa dos direitos da mulher e da criança, focando na questão do trabalho, da revolução, da criação de creches^{LXIV} e na integração da “mulher à nova sociedade, visando o seu aperfeiçoamento social e cultural, representando a ponte entre o Estado e a população feminina”.^{LXV} Apesar de estarem submetidas ao controle estatal e não possuírem autonomia política plena, as mulheres da FMC atuaram ativamente na sociedade cubana e aproveitaram seus espaços de poder, mesmo que restritos, para lutar em prol de seus direitos.

Devemos nos lembrar de nomes como Lídia Doce e Clodomira Acosta Ferrales, mensageiras que desapareceram em 12 de setembro de 1958, foram torturadas e assassinadas pela polícia da ditadura de Fulgêncio Batista e seus corpos nunca foram encontrados.^{LXVI} Também devemos ter em mente as mulheres anônimas que lutaram na guerrilha urbana e rural, colocando sua vida em risco pelos seus ideais políticos, contra a ditadura e desafiando os espaços de poder predominantemente machistas.

Além disso, é importante enfatizar que a unificação dos movimentos femininos não deixava espaço para as organizações políticas explicitamente feministas e das mulheres negras. Ocupando os maiores índices de vulnerabilidade social, eram pouco representadas nos espaços de luta e de poder e, com o argumento da proibição da discriminação racial em 1959, foram silenciadas e invisibilizadas.

Portanto, fica claro que a vitória da Revolução Cubana em 1959 foi resultado da união de vários movimentos. O M26-7 e o exército rebelde contam com a atuação das mulheres do pelotão Mariana Grajales, recebem o apoio de outras organizações importantes de oposição à ditadura, entre eles a Frente Cívica de Mulheres do Centenário Martiniano e as Mulheres Opositoras Unidas, além das mulheres camponesas e urbanas. Embora a presença de mulheres no processo de luta revolucionária seja significativa, os heróis mais destacados da Revolução Cubana são homens e reproduzem a construção de uma masculinidade hegemônica.^{LXVII}

A desigualdade de raça e de gênero não desapareceram e nem foram superadas nos anos seguintes, mesmo as mulheres sendo incorporadas na luta armada, na força de trabalho e na nova estrutura de poder. Mas considero que o governo revolucionário criou de certa forma condições para superar esses problemas no longo prazo. Seu caráter nacionalista e, a partir de 1961, socialista incluiu como principais propostas a reforma agrária e a igualdade no acesso à educação e saúde, fornecendo meios de reflexão e de resolução dos problemas estruturais. Exemplo disso é o novo Código da Família^{LXVIII} aprovado em setembro deste ano e que amplia direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIA+ na ilha.

Novas perspectivas para o ensino da Revolução Cubana no tempo presente

Após esta breve análise da atuação das mulheres guerrilheiras na Revolução Cubana e da questão de gênero, que não se esgota aqui, pode-se refletir sobre o ensino da Revolução Cubana no tempo presente. O objetivo deste tópico é sugerir hipóteses de trabalho, pensando na importância de uma história na perspectiva das mulheres.

O ensino de História é uma das formas de “traduzir” as pesquisas e atividades teóricas para o grande público. Tendo em mente o contexto histórico em que vivemos, tem como objetivos formar a consciência histórica de uma sociedade, construir identidades e fazer sentido na vida do aluno.^{LXIX} Diante disso, cabe a reflexão: “O que é ensinado, o que poderia e deveria ser ensinado?”^{LXX}

a história, quando ensinada, serve para os homens possam pensar historicamente, adicionando à sua reflexão os elementos que não estão presentes no imediato, mas sim

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

no tempo longo, médio e curto [...] serve para ajudar a criar identidades [...] para que as pessoas reconheçam-se como sujeitos, como parte de um coletivo, conheçam suas possibilidades e limitações de ação na história [...] serve também para questionar identidades inventadas [...] momento importante no processo de formação da consciência de classe. Hoje, sob um regime democrático limitado, o ensino de história serve para estimular a participação dos indivíduos nas práticas da cidadania [...] Por mais belos que pareçam esses ideais, um ensino de história voltado para o desenvolvimento da autonomia [...] não deve ser uma correia de transmissão dos conceitos hegemônicos [...] Deve [...] colocar nosso sistema e os valores sob discussão, para que o aluno perceba por si mesmo as limitações e os interesses envolvidos na montagem das estruturas que regem nosso cotidiano. Repetir o discurso oficial [...] limita as perspectivas do aluno.^{LXXI}

Nesse sentido, a escola deve ser um “multi-espço democrático, cultural e social”, de sociabilidades e de troca de conhecimentos e experiências, garantindo o pleno exercício da cidadania de todos os alunos e o enfrentamento das opressões. Um lugar onde eles possam “apreender não somente os conteúdos pragmáticos das disciplinas em sala de aula, mas também receber formações para aprender a lidar com as diferenças no ambiente escolar e na sociedade”. No Brasil, por exemplo, em meio ao corte de verbas e retrocessos nas políticas sociais no campo educacional, a escola precisa se resguardar com os aparatos e mecanismos legais, como a Constituição Federal, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, que concedem suporte para a implementação de novas práticas pedagógicas.^{LXXII}

Dentre essas novas práticas, defendo a incorporação de uma história na perspectiva das mulheres, pautada numa educação crítica, inclusiva e não sexista. Esta proposta não significa a simples integração à uma “história oficial”, o que poderia resultar apenas no acréscimo de textos didáticos sobre mulheres e gênero de forma simplificada ou complementar. Trata-se da inclusão de uma “história na perspectiva das mulheres”, que coloque a mulher no centro da discussão, como ‘sujeitos históricos’ e protagonistas em diferentes contextos. Também deve vincular seus problemas aos das outras histórias, historicizar e questionar os mecanismos de dominação e exclusão social e revelar a pluralidade de identidades e experiências vividas pelas mulheres em diferentes tempos e espaços. É através desta inclusão que a história das mulheres terá possibilidade de exercer seu potencial pedagógico de transformação das relações humanas e de possibilitar que os alunos se posicionem de forma crítica e consciente.^{LXXIII}

Mas incorporar estas propostas não é uma tarefa simples. Os professores de História encontram inúmeras dificuldades, desde a estrutura tradicional de ensino que “já nos deixa uma herança em dívidas”,^{LXXIV} até o pouco investimentos em cursos de capacitação, a baixa remuneração e a carga horária reduzida nas escolas. Para construir novas experiências de ensino é preciso estar disposto a não se deixar abater. Realizar pesquisas, estar engajado nas questões raciais e de gênero e sair do lugar-comum é essencial nesse processo. Assim, proponho algumas ideias de como trabalhar e analiso suas potencialidades.

Seria interessante abordar os conteúdos escolares a partir da perspectiva de uma mulher ou de um grupo de mulheres que tenham participação ativa no período histórico abordado. Por exemplo, tratar a Revolução Cubana a partir das guerrilheiras, como as citadas na seção anterior; as invasões holandesas no Brasil tendo como norte as experiências de luta de Clara Camarão e mulheres indígenas; as resistências negras e abolicionismos a partir de Eva Maria de Bonsucesso, Luiza Mahin, Mariana Crioula, Maria Firmina dos Reis; as independências latino-americanas a partir da atuação de mulheres como Juana Azuduy, Gertrudes Bocanegra, Maneula Sáenz, Policarpa Salavarrieta, Mariana Grajales, Maria Leopoldina, Maria Quitéria e Joana Angélica; a Guerra do

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

Paraguai considerando a participação de Jovita Alves Feitosa; a resistência à ditadura a partir das Mães da Praça de Maio, entre tantos outros exemplos.

Essas formas de abordar os conteúdos devem incluir análises das desigualdades de gênero, a desconstrução de estereótipos em relação às mulheres e a inclusão da questão racial e de classe, pensando na interseccionalidade dos sistemas de opressão. Além das aulas expositivas, é interessante incluir como estratégias didáticas a produção de desenhos, a análise de músicas, cine-debates, dinâmicas de grupo, produção de textos e exposição do ponto de vista do aluno, buscando sensibilizá-los a partir de suas próprias falas e escritas.^{LXXV} Vale ressaltar também que essas propostas devem estar inseridas em um planejamento maior que tenha a história das mulheres como eixo central, perpassando todos os conteúdos trabalhados em sala.

Pensando especificamente no conteúdo de Revolução Cubana, o professor pode fazer sua exposição desconstruindo a noção de guerrilha como um espaço apenas de homens e trazer as contribuições das mulheres nas principais ações daquele contexto, como o assalto ao quartel de Moncada, o desembarque do *Granma*, a expansão e sucesso da guerra de guerrilhas e a construção da nova estrutura de poder. Nesse sentido, deve ser destacada uma atuação coletiva motivada por ideias e crenças, dentro de um quadro amplo de participação feminina, e não apenas alguns nomes como exceções guiadas por paixões, emoções e ideais de maternidade.

Ao contar os nomes das mulheres guerrilheiras e suas histórias, cabe ao professor estimular os alunos a procurarem imagens, fotografias e reportagens sobre essas mulheres na *Internet*, utilizando a tecnologia a seu favor e não se limitando ao livro didático. Outra proposta que pode ser bem explorada é a exibição de memes sobre o assunto, despertando o interesse dos alunos. Podem ter sido criados pelo professor anteriormente ou pelos próprios alunos em *sites*.

Trazer questionamentos quanto ao tema também é fundamental. O professor pode instigar os alunos a se perguntarem: A que se deve o esquecimento e o ocultamento da participação das mulheres na história? Por que a maioria dos personagens históricos considerados “heróis nacionais” são homens? Quais os desafios enfrentados pelas mulheres latino-americanas atualmente? Qual a importância dos movimentos feministas para a inclusão das mulheres na vida política e social? Quais são os ideais de mulheres tradicionalmente disseminados pela mídia? Eles estão mudando? Quais mulheres que você convive no seu dia a dia você admira? Esses debates devem ser pensados a partir do segmento e da turma para os quais serão destinados.

Como atividade, além da produção de memes, sugiro para séries iniciais a elaboração de desenhos de Haydée Santamaría, Célia Sanchez, Vilma Espín, entre outras, cartazes ou charges contando suas histórias ou cartas direcionadas à elas, relatando o que acham de suas atuações políticas. Para séries mais a frente, pode-se propor para os alunos a criação de um museu sobre o tema história das mulheres cubanas. Qual seria o seu nome? Como ele seria? Que elementos estariam expostos? Também seria interessante que os alunos se colocassem no lugar das mulheres guerrilheiras e escrevessem um pequeno diário, relatando sua participação, dificuldades e vitórias e se atentando para o contexto da época.

Logo, vejo muito potencial na abordagem da história das mulheres para o ensino da Revolução Cubana. Uma perspectiva que requer tempo e pesquisa para que seja colocada em prática da melhor forma possível. E a partir dessas sugestões de atividades, pode-se estimular a criatividade dos alunos, contribuir para sua formação crítica e cidadã e a construção de identidades. Fica evidente que “o conhecimento histórico não apenas informa sobre as experiências e identidades das mulheres no passado, mas também participa da construção das subjetividades e relações de gênero no presente”.^{LXXVI}

CUNHA, G. P.

Considerações finais

Neste artigo, refleti sobre a importância da inclusão da história das mulheres no ensino de história para a promoção da cidadania e da igualdade de gênero. Mas não basta apenas incluir o papel das mulheres de forma isolada e estereotipada, como um apêndice da história geral. Deve-se romper com o discurso histórico tradicional e conceitos sexistas já naturalizados, fazer mudanças nos currículos e entender a fundo as reivindicações do movimento feminista de "direito ao passado". Só assim poderemos reconhecer e valorizar as memórias, experiências históricas e identidades das mulheres.

Quanto ao ensino da Revolução Cubana, mais especificamente, a inclusão da participação das mulheres na guerrilha tem o potencial de desconstruir a imagem de movimentos políticos como espaços estritamente masculinos. Como um evento histórico que foi um divisor de águas na história da América Latina, ainda é muito relatada sob a perspectiva masculina. Nesse sentido, valorizar as mulheres guerrilheiras como "sujeitos históricos" que participaram ativamente do processo é papel de um professor engajado que se preocupa com uma educação crítica e inclusiva e que luta contra a desigualdade de gênero.

Notas

^I Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ). Este texto foi produzido com financiamento da CAPES.

^{II} ARAUJO, 2022, p. 150-151.

^{III} SCOTT, 1992, p. 75-76.

^{IV} SCOTT, 1992, p. 78.

^V SCOTT, 1992, p. 81.

^{VI} SCOTT, 1992, p. 83.

^{VII} SOIHET, 1997, p. 276.

^{VIII} SOIHET, 1997, p. 276.

^{IX} SOIHET, 1997, p. 277.

^X SCOTT, 1992, p. 85.

^{XI} SCOTT, 1992, p. 86.

^{XII} SCOTT, 1992, p. 86-87.

^{XIII} SCOTT, 1992, p. 88-89.

^{XIV} TILLY, 1994, p. 30.

^{XV} TILLY, 1994, p. 59-60.

^{XVI} TILLY, 1994, p. 43.

^{XVII} MELLO, 2011, p. 296.

^{XVIII} SCOTT, 1992, p. 93.

^{XIX} SCOTT, 1992, p. 94-95.

^{XX} DUBOIS, 1985, p. 5 apud TILLY, 1994, p. 32.

^{XXI} TILLY, 1994, p. 31.

^{XXII} SOIHET, 1997, p. 295-296.

^{XXIII} SOIHET, 1997, p. 280.

^{XXIV} TILLY, 1994, p. 29.

^{XXV} TILLY, 1994, p. 41-42.

^{XXVI} TILLY, 1994, p. 59.

^{XXVII} TILLY, 1994, p. 60.

^{XXVIII} TILLY, 1994, p. 60.

^{XXIX} ARAUJO, 2022.

^{XXX} SCHACTAE, 2020, p. 75.

^{XXXI} FERNANDES, 2007, p. 129.

^{XXXII} FERNANDES, 2007, p. 120.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA REVOLUÇÃO CUBANA: A QUESTÃO DE GÊNERO E A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES GUERRILHEIRAS

CUNHA, G. P.

-
- XXXIII Organização revolucionária que toma o poder em Cuba em 1959.
- XXXIV FERNANDES, 2007.
- XXXV GOTT, 2006, p. 181.
- XXXVI AYERBE, 2004.
- XXXVII SCHACTAE, 2020.
- XXXVIII SCHACTAE, 2012, p. 7.
- XXXIX WASSERMAN, 2022.
- XL SCHACTAE, 2017, p. 10.
- XLI SCHACTAE, 2017, p. 6.
- XLII O processo de independência de Cuba foi longo, complexo e tardio. Ocorreram três guerras de independência contra a Espanha ao longo da segunda metade do século XIX: a Guerra dos Dez Anos (1868-1878), a Guerra Chiquita (1879) e a Guerra Necessária (1895-1898). Esta última foi teorizada, organizada e difundida pelo intelectual José Martí a partir de uma frente ampla composta por exilados, o Partido Revolucionário Cubano, e táticas de guerrilha. Quando a vitória das forças de independência estava próxima de se concretizar, os EUA agiram de maneira estratégica, intervindo na última guerra contra a Espanha. Com a derrota do país europeu, o governo norte-americano assinou um acordo que garantia a administração política de Cuba e a ilha passou a ser seu protetorado. Tal condição permaneceu de 1898 até 1902, quando foi proclamada a República de Cuba, mas a interferência do governo dos Estados Unidos permaneceu até 1959 (SANTOS, 2021, p. 260). Nesse sentido, a guerra de independência frustrada converteu-se numa herança política, transferida para o futuro. Fidel Castro identifica-se com essa herança ao retomar a tradição de José Martí e sua ideologia revolucionária (FERNANDES, 2007, p. 41).
- XLIII WASSERMAN, 2022.
- XLIV CHOMSKY, 2015, p. 25.
- XLV CABALLERO, 1982 apud SCHACTAE, 2012, p. 4.
- XLVI SCHACTAE, 2012, p. 7.
- XLVII PAGÉS, 1991 apud SCHACTAE, 2017, p. 5.
- XLVIII O assalto ao quartel de Moncada em 26 de julho de 1953 foi um ataque armado organizado pelo movimento rebelde liderado por Fidel Castro e tinha como objetivo adquirir armamento para a luta insurrecional contra Fulgêncio Batista. Muitos rebeldes foram assassinados e outros aprisionados (AYERBE, 2004 apud MÜLLER, 2021, p. 296)
- XLIX SCHACTAE, 2016, p. 207 apud SCHACTAE, 2020, 86
- L ILISÁSTIGUI AVILÉS; ÁLVAREZ PORRO, 2005; SCHACTAE, 2016 apud SCHACTAE, 2020, 83.
- LI Sua atuação é invisibilizada na historiografia, ganhando destaque os esforços de Frank País, líder do Movimento 26 de Julho em Santiago de Cuba, que atuou com Haydée no apoio de retaguarda à *Sierra Maestra*.
- LII MÜLLER, 2021, p. 296-297.
- LIII GOTT, 2006, p. 278-279.
- LIV MÜLLER, 2021, p. 297.
- LV VASSI, 2007 apud MÜLLER, 2021, p. 302
- LVI FÁBREGAS, p. 2010 apud MÜLLER, 2021, p. 302
- LVII SCHACTAE, 2012 apud MÜLLER, 2021, p. 302
- LVIII O desembarque do *Granma* tinha como objetivo iniciar uma luta popular em todo o país para a derrubada de Batista, após o fracasso do assalto ao quartel de Moncada. O plano era que o desembarque coincidissem com um levante em Santiago de Cuba, mas o *Granma* chegou dois dias depois do programado, desarticulando a revolta urbana. O barco foi recebido em 2 de dezembro de 1956 por ataques aéreos e terrestres das forças de Batista. Dos 82 guerrilheiros que haviam embarcado no México, onde treinavam, apenas 12 sobreviveram. Dias depois, os sobreviventes se reuniram na *Sierra Mestra*, onde estabeleceram como estratégia de luta a guerra de guerrilha prolongada (GOTT, 2006, p. 179-180).
- LIX WASSERMAN, 2022.
- LX WASSERMAN, 2022.
- LXI SCHACTAE, 2012, p. 8.
- LXII SANTOS, 2021, p. 263.
- LXIII SANTOS, 2021, p. 263
- LXIV ESPÍN, 1960 apud SCHACTAE, 2017.
- LXV ESPÍN, 1990 apud SANTOS, 2021, p. 263
- LXVI SCHACTAE, 2017, p. 10
- LXVII SCHACTAE, 2012, p. 10.
- LXVIII Um dos elementos centrais das políticas de gênero da revolução, o primeiro Código da Família de Cuba foi aprovado em 1975, visando a criação de novos valores sociais tendo como base a moral socialista. Passou a definir o papel de mulheres e homens no lar, a divisão de responsabilidades com as tarefas domésticas e a criação dos filhos, a igualdade de direitos e responsabilidades na esfera pública e privada. Apesar de demonstrar esses avanços sociais, a família defendida

CUNHA, G. P.

era a nuclear e o casamento monogâmico, heteronormativo e legalmente formalizado (SANTOS, 2021, p. 264-265). O novo Código, previamente aceito pelo parlamento cubano em dezembro de 2021 e aprovado por referendo popular em setembro de 2022, altera o texto de 1975 e inclui a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, autoriza a barriga de aluguel sem fins lucrativos, reforça os direitos das crianças, dos idosos e dos deficientes e introduz a possibilidade de reconhecer legalmente vários pais e mães, além dos pais biológicos. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/09/26/cuba-novo-codigo-da-familia-que-inclui-casamento-gay-e-aprovado-por-referendo.htm>. Acesso em: 27/10/2022.

^{LXIX} CERRI, 1999, p. 140.

^{LXX} CERRI, 1999, p. 141.

^{LXXI} CERRI, 1999, p. 142.

^{LXXII} SILVA, 2020, p. 52-53.

^{LXXIII} OLIVEIRA, 2014, p. 288-289.

^{LXXIV} CERRI, 1999, p. 143.

^{LXXV} SILVA, 2020.

^{LXXVI} OLIVEIRA, 2014, p. 284.

Referências bibliográficas:

ARAUJO, Rafael. A América Latina e a história do tempo presente: teoria e olhares sobre uma história inacabada. In: SARMIENTO, Érica; AZEVEDO, André Nunes de (orgs). *Migrações e cidades nas Américas: processos históricos e análises do tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2022, p. 149-165.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: UNESP, 2004.

CERRI, Luiz Fernando. Os objetivos do ensino de História. *Hist. Ensino*, Londrina, v.5, out. 1999, p. 137-146.

CHOMSKY, Aviva. *História da Revolução Cubana*. São Paulo: Veneta, 2015.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MELLO, Soraia Carolina de. Pensando questões de gênero para a História das mulheres. *Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011, p. 295-304.

MÜLLER, Carolina de Azevedo. A representação da atuação política de uma heroína da Revolução Cubana: o caso de Haydée Santamaría no documentário cubano *Nuestra Haydée*. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (orgs.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 296-312.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Ensino de história das mulheres: reivindicações, currículos e potencialidades. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (orgs.). *Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2014, p. 276-291.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. A revolução cubana e as intersecções de gênero, raça e sexualidade. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 258-281.

CUNHA, G. P.

-
- SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução Cubana: representações generificadas em livros didáticos de História. *Revista Escritas do Tempo*. v.2, n.6, out-dez/2020, p. 74-92.
- SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução Cubana e os espaços ocupados por homens e mulheres. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13º Congresso Mundos de Mulheres (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017, p. 1-12.
- SCHACTAE, Andréa Mazurok. “Mulheres Guerreiras”: Gênero e ideal de feminilidade na biografia da cubana Célia Sanchez. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2012, p. 1-12.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-95.
- SILVA, Lauri Miranda. Experiências e estratégias no ensino de História sobre gênero e sexualidade ne educação básica em Triunfo/Cadeias do Jamari – RO. *Fronteiras: Revista de História*. V. 22, n. 39, jan-jun. 2020, p. 50-66.
- SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-296.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu* (3) 1994, p. 29-62.
- WASSERMAN, Claudia. América Latina na segunda metade do século XX: intersecção entre questões sociais, políticas e de gênero. In: ARAUJO, Rafael; KALIL, Luis Guilherme Assis; SCHURSTER, Karl (orgs.). *Trajetórias Americanas – Volume 2*. Recife: Edupe, 2022.